



ST6 – INOVAÇÃO, GESTÃO DE ORGANIZAÇÕES E DINÂMICAS DE MERCADOS

PRODUTOS COLONIAIS, ALTERNATIVA DE RENDA, AUTOCONSUMO E PLURIATIVIDADE

COLONIAL PRODUCTS, INCOME ALTERNATIVE, SELF-CONSUMPTION AND PLURIATIVITY

Leila Daiana TARDETTI¹, Luciana ARTUSO², Daniel PAIM³, Cristiane TONEZZER⁴,
Rosana Maria BADALOTTI⁵

Resumo:

A agricultura familiar faz parte da história do Brasil e do Oeste Catarinense, os produtos coloniais trazem a cultura dos imigrantes descendentes de europeus que se encontra presente no dia a dia das pessoas que aqui vivem. O objetivo deste artigo foi analisar como a feira de produtos coloniais do município de São Lourenço do Oeste constituem alternativas para o sistema agroalimentar convencional. Para a coleta de dados utilizou-se a técnica de entrevista semiestruturada, aplicada a feirantes produtores e consumidores, escolhidos de forma aleatória (na visita à feira). Posteriormente foi realizada a análise dos dados em diálogo com a literatura. As feiras livres da agricultura familiar remetem a uma tradição devido aos produtos ofertados e também constituem uma importante alternativa de renda e valorização da cultura herdada dos antepassados para as famílias que fazem parte da agricultura familiar, os produtos são utilizados para o autoconsumo e

1 Graduada em Geografia pela Unochapeco, Pedagogia pela Unopar, Especialista em Metodologias Inovadoras Aplicadas a Educação pela Facinter, Especialista em Educação Especial Inclusiva pela Unopar, Especialista em Mídias na Educação pela Furg, Especialista em Coordenação Pedagógica pela UFSC, Mestranda em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais pela Unochapecó; e-mail: leiladaianat@gmail.com

2 Graduada em Pedagogia com habilitação em Educação Especial pela UNOESC, Especialista em Educação Especial, pela Facinter, Especialista em Surdez pela ESAP. Mestranda em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais pela Unochapeco; e-mail: lucianaartuso@yahoo.com.br

3 Graduado em Direito pela Faculdade Mater Dei de Pato Branco, Advogado. Pós-graduado em Ciências Penais. Pós-graduado em Direito e Processo do Trabalho pela Universidade Anhanguera – UNIDERP. Professor de Teoria Geral do Direito Penal e Direito Internacional Público e Relações Internacionais na Universidade Comunitária da Região de Chapeco – Unochapeco; e-mail: danielpaim.advogado@gmail.com

4 Doutora em Desenvolvimento Rural como Bolsista CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul PGDR/UFRGS, Doutorado Sanduíche como Bolsista CNPQ na Universidade do Algarve (Portugal), Mestre em Desenvolvimento Rural como Bolsista CNPQ pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul PGDR/UFRGS e Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul UERGS. Atuou como Gestora Executiva do Arranjo Produtivo Local APL das Agroindústrias Familiares do Vale do Taquari. É professora Titular da Universidade Comunitária da Região de Chapecó e Coordenadora da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unochapecó. Atua principalmente nos temas referente ao desenvolvimento rural, sustentabilidade, sistemas agroalimentares alternativos e velhices rurais; e-mail: tonezer@unochapeco.edu.br

5 Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente na Universidade Comunitária da Região de Chapecó de 2003 a 2019. Membro da Rede Ibero-americana de Estudos sobre Desenvolvimento Territorial e Governança (Redetg) e da Rede Sial Brasil – Sistemas Agroalimentares Localizados; e-mail: rosana@unochapeco.edu.br



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

também para a comercialização na feira livre, garantindo assim a qualidade dos produtos que serão oferecidos aos consumidores e complementação de renda para os feirantes, a pluriatividade é um fator marcante nesse processo. Concluímos que a feira se constitui como uma alternativa para o sistema agroalimentar convencional, caracterizando um tipo de cadeia alimentar curta onde o produtor estabelece ligação direta com o consumidor, oferecendo produtos diferenciados do tipo colonial, o qual agrega valor por não passar por mãos de intermediários.

Palavras-chave: produto colonial, pluriatividade, agricultura familiar, feira livre.

Abstract:

Family farming is part of the history of Brazil and Western Santa Catarina, colonial products bring the culture of immigrants of European descent that is present in the daily lives of the people who live here. The purpose of this article was to analyze how the colonial products fair in the municipality of São Lourenço do Oeste is an alternative to the conventional agri-food system. For data collection, the semi-structured interview technique was applied, applied to market producers and consumers, chosen at random (during the visit to the fair). Subsequently, data analysis was performed in dialogue with the literature. Family farm open markets refer to a tradition due to the products offered and also constitute an important alternative for income and appreciation of the culture inherited from the ancestors for families that are part of family farming, the products are used for self-consumption and also for the commercialization in the open market, thus guaranteeing the quality of the products that will be offered to consumers and complementing income for the market vendors, pluriactivity is a remarkable factor in this process. We conclude that the fair is an alternative to the conventional agrifood system, featuring a type of short food chain where the producer establishes a direct link with the consumer, offering differentiated products of the colonial type, which adds value by not passing through the hands of intermediaries.

Keywords: colonial product, pluriactivity, family farming, open market.

INTRODUÇÃO

A agricultura familiar faz parte do desenvolvimento histórico do país, do Estado de Santa Catarina e em especial na região oeste as pequenas propriedades rurais fazem parte da dinâmica social e econômica desta região.

A compreensão do conceito de Agricultura familiar é de fundamental importância para o entendimento dos processos de interação sociais e de relações de ocupação produtiva de trabalho formadas por este grupo social, que vive no meio rural, mas tem relações complexas e dinâmicas entre o meio urbano e o meio rural. (VASQUES, 2016, p.23)



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Os colonos do oeste de Santa Catarina remetem a herança do período de colonização, onde foram colonizadas basicamente por descendentes de Italianos e Alemães que deixaram o interior do Rio Grande do Sul em busca de terras mais baratas e produtivas, no início com a exploração dos recursos naturais para a sobrevivência e posterior com atividades voltadas para a agricultura familiar, que atualmente possui uma grande importância para produção de alimentos na região e para Segurança Alimentar e Nutricional (SAN).

Segundo Pozzebon et al (2016, p. 415),

A agricultura familiar é um importante ator na promoção da SAN na sociedade em geral e para as famílias dos agricultores por meio da prática do autoconsumo. A produção diversificada de alimentos apresenta uma qualidade nutritiva considerada superior aos alimentos industrializados e proporciona maior autonomia do agricultor diante do contexto social e da economia monetária.

Em algumas propriedades do oeste de Santa Catarina as famílias produzem produtos coloniais para o autoconsumo e para a comercialização em feiras livres, destaca-se também a pluriatividade, onde são desenvolvidas várias atividades na propriedade e fora dela para complementação da renda, muitas vezes de forma assalariada onde alguns membros moram na propriedade, mas trabalham na cidade.

A pluriatividade desenvolvida nas propriedades faz com que a família de agricultor familiar permaneça no espaço rural, a feira livre lembra o período colonial, também é importante para geração de renda das famílias que vivem no espaço rural, outro fator relevante é a comercialização que é feita direta com o consumidor isso gera confiança, este consumidor almeja produtos saudáveis e sem agrotóxicos. Os agricultores que fazem parte deste da feira livre oferecem produtos *in natura* ou com processamento colonial, um produto diferenciado com sabor e qualidade. As feiras livres fazem parte de um sistema agroalimentar alternativo, caracterizando-se como um sistema alimentar de cadeia curtas.

Nesse sentido,

As redes alimentares alternativas são diversificadas e privilegiam os circuitos curtos de comercialização, entre elas podemos citar: as feiras do produtor, entrega de cestas, pequenas lojas de produtores, venda na propriedade, venda institucional para alimentação escolar, entre outras formas de venda direta. (POZZEBON et al, 2016,P.419)

Nesta mesma direção, Gazolla e Schneider (2017, p. 48) trazem o conceito de cadeias curtas. Para eles,

As cadeias curtas são novas formas de construir uma interação entre produção e consumo,



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

com o resgate de conhecer a procedência do produto. Valorizando não apenas o produto final, mas todos os significados simbólicos, culturais, éticos e ambientais.

Nesse sentido este estudo teve como *locus* de pesquisa o município de São Lourenço do Oeste, com a visita feira da agricultura familiar, para a coleta de dados utilizou-se a técnica de entrevista semiestruturada aplicada a feirantes produtores e consumidores escolhidos de forma aleatória.

Ao desenvolver o estudo, objetivou-se analisar como a feira e os produtos da agricultura familiar do município de São Lourenço do Oeste constituem alternativas para o sistema agroalimentar convencional.

O artigo está estruturado em 3 seções na primeira sessão traz sobre produtos coloniais, autoconsumo, segurança alimentar e nutricional, a segunda sessão pluriatividade rural: a comercialização nas feiras como alternativa na agricultura familiar e a terceira seção resultados e discussões.

METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido no município de São Lourenço do Oeste, que está localizado na região Oeste de Santa Catarina. A coleta de dados ocorreu no dia 24 de agosto de 2019. Além da observação, utilizou-se a entrevista semiestruturada, utilizada no dia da visita à feira, aplicada de maneira aleatória conforme a disponibilidade do agricultor feirante e do consumidor em fornecer as informações e dados requeridos, com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE) conforme resolução 510/2016 – CNS. O roteiro de entrevista para o desenvolvimento deste estudo foi composto de 47 questões. Entrevistou-se uma consumidora e uma agricultora que comercializam produtos coloniais e agroecológicos.

Os dados foram descritos, analisados e interpretados com base na literatura dos componentes curriculares do Mestrado em Políticas Sociais e dinâmicas Regionais.

PRODUTOS COLONIAIS, AUTOCONSUMO E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL

O termo “Colonial” foi utilizado para caracterização dos agricultores de origem europeia, colono era a categoria de identificação destes imigrantes europeus, tanto para as autoridades e pelos próprios agricultores os identificavam por essa denominação. A colônia, o espaço rural é onde acontecia a vida social desses agricultores. (DORINGON; RENK, 2013)



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

[...] “colonial” foram nominadas os produtos que saíram das unidades rurais, por trazerem as marcas do trabalho artesanal, incorporarem saberes tradicionais transmitidos de geração a geração e que ora encontram os locais de comercialização de espaços urbanos e manufaturados. (DORINGON; RENK; 2013 p.16)

Os produtos coloniais vêm ganhando espaço na mesa do consumidor, pois mais recentemente muitas famílias buscam qualidade de vida e uma alimentação com equilíbrio, o que as fazem optar por produtos saudáveis de boa procedência. Esses produtos possuem um diferencial, por serem produzidos de forma artesanal colonial. Nesse sentido, a

[...] valorização de produtos com atributos diferenciados de qualidade cria novas oportunidades de mercado, muitas das quais acessíveis aos agricultores de pequeno e médio portes. As novas oportunidades incluem desde a inserção desses agricultores em mercados de nicho nacionais e internacionais, como se verifica nos produtos artesanais, nos com denominação de origem e nos orgânicos, até o aprimoramento dos circuitos regionais de produção, distribuição e consumo de alimentos abordados adiante. (MALUF, 2004, p. 304)

Uma das formas de se adquirir os produtos diferenciados, sejam orgânicos, agroecológicos, com sabor colonial, é através das feiras livres, que estão ganhando espaço nas cidades, e possibilitando a relação do rural com o urbano.

Diante das crises da agricultura e do “moderno” sistema agroalimentar, a venda direta aos consumidores – configurando circuitos curtos agroalimentares – vem se tornando uma estratégia viável de manutenção das famílias no campo em virtude da garantia de rentabilidade e entrada semanal de renda. (POZZEBON et al, 2016, P.408)

A comercialização de produtos coloniais vem buscando espaços através das feiras livres da agricultura familiar e com isso criando uma disputa entre os produtores. Os produtos coloniais tem sua especificidade e sua cultura, que vem sendo passada de geração para geração, caracterizando-se como um diferencial para os consumidores.

Além da comercialização, os alimentos da agricultura familiar atendem às necessidades da própria família por meio do autoconsumo. A agricultura familiar camponesa tem na terra, na família e no trabalho, categorias que constituem um modo de vida, nas quais a produção para o autoconsumo faz parte. (POZZEBON et al, 2016, p.409)

O autoconsumo faz parte do modo de vida dos agricultores familiares, sendo que os produtos oferecidos aos consumidores nas feiras da agricultura familiar também são consumidos pela família, possuem uma herança mantida pelas famílias, as receitas na maioria das vezes foram herdadas de gerações passadas passando de pai para filho, e com isso possuem uma cultura trazida e mantida por essas famílias que sentem-se valorizadas por estarem compartilhando esses costumes.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

[...] considera-se o Oeste Catarinense como um Sítio Simbólico de Pertencimento, do qual os produtos coloniais são uma de suas expressões, pois são portadores de valores, saberes e experiências vividas e compartilhadas por estes grupos sociais. (DORIGON; 2008, p.07)

Todas as regiões possuem características próprias, mas na região oeste catarinense predominam culturas trazida por italianos e alemães, muito das atividades desenvolvidas são voltadas para a alimentação, várias agroindústrias artesanais de pequeno porte até multinacionais se desenvolveram devido a essas culturas trazida pelos imigrantes europeus.

Os produtos coloniais estão no paladar da população, muitas vezes as lembranças da infância fazem com que os consumidores procurem consumir esses produtos, que são saborosos, com ótima qualidade e com um valor nutricional superior aos industrializados. Essa nova alternativa de trabalho e consumo faz com que a agricultura familiar passa também a produzir produtos coloniais para comercialização. Essa nova forma de produção tende a ganhar espaço no mercado de trabalho por ser um produto diferenciado ocupando espaços que antes eram ocupados por produtos primários. Segundo Dorigon:

Esta nova ruralidade passa a ser vista pelos analistas como o resultado de uma recente estratégia de produção agrícola em que a produção de produtos primários tende a ceder lugar a produtos artesanais e de qualidade diferenciada. Nesta perspectiva, a produção familiar se inclinaria para mercados de nicho, os quais lhes pagariam preços-prêmios. (DORIGON; 2008, p.14)

Uma das preocupações dos produtores da agricultura familiar é quanto à fiscalização, pois a questão relacionada à exigência dos selos de qualidade dificulta muito a comercialização dos produtos coloniais, já que certas exigências fazem com que se perca a originalidade do sabor dos produtos.

As transformações que resultam das exigências técnicas impostas pela legislação dos serviços de inspeção sanitária para que os produtos coloniais possam entrar no mercado formal têm também grande relevância para que muitos destes agricultores optem em permanecer na informalidade. Argumenta-se que a imposição de muitas destas normas causam a descaracterização dos produtos tidos como coloniais ao ponto de seus consumidores não os reconhecerem mais como tal, identificando-os como industriais levando-os, portanto, a perder mercado. (DORIGON; 2008, p.15)

Nesse sentido, os produtores preferem vender na informalidade de porta em porta para não perder a originalidade e a qualidade do produto, utilizam de técnicas tradicionais que muitas vezes não é recomendada pela vigilância.

De acordo com Dorigon,



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Por estarem mais isolados do mundo tecnológico e científico e, por consequência, dos valores oriundos do mundo industrial - seus produtos são os que mais guardam as características coloniais e do saber-fazer dos colonos. E, devido ao menor contato com o mundo da ciência e da tecnologia são também os responsáveis pela preservação dos conhecimentos de processos, produtos e tecnologias tradicionais, que mantém a imagem do colonial. (DORIGON; 2008, p.15)

Como produto diferenciado e com qualidade nutricional superior ao industrializado, o produto colonial está cada vez mais sendo procurado, por possuir menos conservantes e ser mais saudável.

A produção diversificada de alimentos apresenta uma qualidade nutritiva considerada superior aos alimentos industrializados e proporciona maior autonomia do agricultor diante do contexto social e da economia monetária. (POZZEBON et al, 2016 p.415)

A grande diversidade de produtos que são produzidos e comercializados pela agricultura familiar, faz com que haja um aumento de procura. Através de feiras, cooperativas e associações o produto colonial agrega mais valor e, nesta relação produtor consumidor cria-se um vínculo de confiança entre o produtor e consumidor. com o aumento da procura pelos produtos ocorre um aumento na produção, contribuindo consideravelmente para a produção de alimentos que chegam à mesa do consumidor.

Na medida em que os agricultores familiares produzem parte considerável dos alimentos consumidos no Brasil, contribuindo para a SAN da população em geral, essa produção, ao se destinar também para o autoconsumo, contribui para a SAN das próprias famílias de agricultores familiares. (POZZEBON et al, 2016, p.418)

Nesse sentido alguns produtores buscam se aperfeiçoar a produção familiar para manter-se no mercado, enquanto outros preferem manter a forma tradicional artesanal de produção, confeccionando um produto diferenciado com características próprias que também está em fase de consolidação no mercado.

As novas regras de mercado produzem a exclusão da forma tradicional de produção colonial, pois as exigências fazem com muitos agricultores deixem de produzir produtos coloniais, já que não conseguem se adequar às regras e exigências para comercializar o produto, alguns agricultores entendem que perde a originalidade do produto quando utiliza de equipamentos para a produção, preferem a forma tradicional.

A partir de meados da década de 1990 tem-se observado um aumento na oferta de produtos coloniais, sobretudo nas feiras livres e em vendas diretas aos consumidores. Tem também aumentado o número de agricultores voltados ao mercado de produtos coloniais, que passaram a representar uma das melhores opções para compor a renda familiar, ameaçada pelo movimento de exclusão em atividades tradicionais, sobretudo na suinocultura. (DORIGON, 2008, p.03)



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

A procura por alimentos saudáveis e de boa procedência aumentou nestes últimos anos, pois muitas pessoas objetivam hábitos mais saudáveis, busca – se através de feiras adquirir produtos com menos conservantes e agrotóxicos que são altamente prejudiciais a saúde. nesse sentido as feiras proporcionam ao consumidor esses produtos de forma in natura, e com menos conservantes produzidos de forma colonial.

Diante da realidade mencionada, entende-se que as feiras podem representar um mecanismo que alia tanto a produção para os mercados quanto a produção para o autoconsumo. (POZZEBON et al, 2016, p.419)

Os produtos oferecidos nas feiras são os mesmos que os produtores consomem proporcionando assim mais credibilidade e confiabilidade ao consumidor quanto ao produto que está adquirindo.

[...] as feiras possibilitam a geração de renda e o acesso a um conjunto de bens materiais e culturais da sociedade “moderna”, por meio da venda de seus produtos de maneira direta aos consumidores. (POZZEBON et al, 2016, p.417)

As feiras de produtos coloniais proporcionam aos produtores uma complementação de renda, sendo que a comercialização é feita diretamente do produtor para o consumidor, agregando valor ao produto.

Segundo Fonseca et al. (2009), a respeito das feiras orgânicas os agricultores se sentem mais valorizados à medida que os consumidores criam vínculos de fidelidade e se sentem seguros em adquirir produtos de qualidade, sabendo a origem e que são cultivados por pessoas que têm preocupações ecológicas e humanitárias. (POZZEBON et al, 2016, p.418)

A forma como os feirantes atendem ao consumidor é um fator determinante para que o mesmo retorne, pois o vínculo criado entre consumidor e produtor faz com que ambos se sintam valorizados e satisfeitos. As várias formas de distribuição ao consumidor através de feiras livres, cestas de entregas ou de porta em porta faz a diferença, proporciona comodidade ao consumidor e confiabilidade no produtor. A pluriatividade rural é uma alternativa de complemento de renda contribuindo para que as famílias de agricultores familiares permaneçam no espaço rural.

PLURIATIVIDADE RURAL: A COMERCIALIZAÇÃO NAS FEIRAS COMO ALTERNATIVA NA AGRICULTURA FAMILIAR

A pluriatividade se caracteriza pela diversidade de atividades desenvolvidas que possam agregar renda, notadamente no meio rural, onde tal possibilidade se mostra essencial para a sobrevivência do pequeno agricultor que necessita buscar atividade remunerada não agrícola para complementar



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

a renda familiar e ao mesmo tempo busca manter a unidade familiar e conseqüentemente vínculo com o meio rural.

A pluriatividade é entendida como a diversificação das atividades internas e externas das explorações agrícolas, envolvendo um ou mais membros do agregado familiar. Permite a construção de um modelo de certo equilíbrio entre o mundo rural e urbano. (SOUZA; DOLCI, 2019, p.17)

O agricultor familiar encontra na pluriatividade fontes alternativas de diversificação da renda, quer seja na produção, beneficiamento, processamento e comercialização de produtos coloniais ou mesmo na venda *in natura* da diversidade que produz em sua propriedade, tais como vinhos queijos, embutidos, mel, verduras, entre outros.

A pluriatividade também se mostra como fonte alternativa para o pequeno agricultor combinar a renda provinda da agricultura e outras rendas, permitindo a sua permanência bem como de seus filhos no meio rural, uma vez que pela sua condição de pequeno produtor é desfavorecido em relação ao grande produtor, o qual dispõe de maiores recursos financeiros para modernização agrícola e conseqüente aumento de produtividade.

Essa diversificação de atividades desenvolvidas na propriedade encontra, por vezes, certa limitação espacial pela dimensão territorial da propriedade agrícola, necessitando se voltar para uma produção agrícola específica ou setorial, atuando em uma única atividade.

[...] o conjunto diversificado de atividades produtivas desenvolvidas pela agricultura de base familiar requer combinar a costumeira abordagem de tipo setorial com a consideração da dimensão espacial-territorial da atividade produtiva e das relações mercantis dela derivadas. (MALUF, 2004, p. 305)

A diversidade de produção na propriedade rural e de outras atividades em tempo parcial realizada pelos membros da família impactam na renda total do núcleo familiar, pois a renda extra que provem dos integrantes que exercem atividades não agrícolas, ou seja, de forma assalariada nos centros urbanos próximos a unidade produtiva contribui para a manutenção do núcleo familiar, caracterizando estratégias de complementação de renda e reprodução social do grupo ou coletivo.

[...] Na maioria das vezes, são unidades que diversificaram suas fontes de renda e, além da agricultura, os membros que integram a família exercem várias outras atividades, algumas inclusive em tempo parcial. Se em outras épocas os agricultores recorriam esporadicamente aos trabalhos não-agrícolas, visando complementar as receitas da propriedade, atualmente este fenômeno é permanente e representa muito mais do que uma mera suplementação de rendas. Essa combinação permanente de atividades agrícolas e não-agrícolas, em uma mesma família, é que caracteriza e define a pluriatividade, que tanto pode ser um recurso ao qual a família faz uso para garantir a



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

reprodução social do grupo ou do coletivo que lhe corresponde, como também pode representar uma estratégia individual, dos membros que constituem a unidade doméstica. (SCHNEIDER, 2001, p.21).

A qualidade de vida proporcionada pela vida no espaço rural e a permanência no meio rural são fatores que possuem grande peso na decisão do pequeno agricultor em permanecer ou deixar este espaço. Entretanto, a necessidade de manter a unidade familiar tem contribuído com o crescente fenômeno do êxodo rural, que leva agricultores a abandonar o meio rural e migrar para os grandes centros, onde se deparam com outras mazelas, como perda de qualidade de vida, necessidade de adaptação, falta de qualificação para o mercado, fatores estes que muitas vezes excluem os agricultores do direito à cidade e moradias dignas, os expulsando para bairros periféricos.

A pluriatividade proporciona ao agricultor familiar uma excelente alternativa para manter-se na pequena propriedade, o que possibilita a reprodução social do grupo familiar e em muitas situações permite o retorno dos filhos que migraram para os centros urbanos, contribuindo desta forma para a qualidade de vida da unidade familiar.

As estratégias de organização da agricultura familiar permitem que as famílias busquem alternativas de renda complementares, além das atividades usuais desenvolvidas na unidade familiar, a exemplo da comercialização de produtos coloniais, orgânicos e agroecológicos que também são utilizados para o autoconsumo da unidade familiar.

Além da comercialização, os alimentos da agricultura familiar atendem às necessidades da própria família por meio do autoconsumo. A agricultura familiar camponesa tem na terra, na família e no trabalho, categorias que constituem um modo de vida, nas quais a produção para o autoconsumo faz parte. (POZZEBON et al, 2016, p.409)

Os alimentos produzidos para o autoconsumo possuem características similares com características colonial, e são comercializados em feiras livres ou de porta em porta pelos produtores. [...] quanto mais diversificada for uma unidade produtiva, maiores serão as chances e oportunidades para que as famílias possam ter opções e fazer escolhas. (POZZEBON et al, 2016, p.408)

Diante das crises da agricultura e do “moderno” sistema agroalimentar, a venda direta aos consumidores – configurando circuitos curtos agroalimentares – vem se tornando uma estratégia viável de manutenção das famílias no campo em virtude da garantia de rentabilidade e entrada semanal de renda. (POZZEBON et al, 2016, p.408)

As mudanças na agricultura familiar ocasionadas pela modernização agrícola fizeram com que as famílias busquem diversificar as atividades desenvolvidas na propriedade. A comercialização dos produtos em feiras é uma forma de complementar a renda e a permanência no meio rural.



OBSERVADR





RESULTADOS E DISCUSSÕES

A feira de produtos da agricultura familiar de São Lourenço do Oeste – SC, fica situada na Praça da Liberdade na Rua Dom Pedro II esquina com rua Rui Barbosa, a feira é composta por 9 (nove) expositores, sendo uma delas na forma conjugada (duas expositoras no mesmo espaço) e um bancada na parte externa comercializando produtos embutidos. Os principais produtos comercializados são verduras, frutas, massas, bolachas, queijos, embutidos, geleias, mel, rapaduras e artesanatos. A feira acontece todos os sábados das 7 às 10:30 horas da manhã.

Os dados de caracterização da feirante entrevistada indicam que a agricultora possui 44 anos de idade e participa da feira há cerca de um ano e atua na agricultura a cerca de trinta e dois anos. A família é composta pelo casal e dois filhos que moram na propriedade e tem idades entre 18 e 24 anos. A composição deste núcleo familiar não é numerosa se compararmos as antigas famílias de colonizadores da região oeste de Santa Catarina, composta pelos imigrantes vindos do Rio Grande do Sul, as quais possuíam vários filhos, pois necessitavam de número significativo de membros para compor a força de trabalho utilizada na preparação e cultivo do solo. Isto pode ser identificado no estudo de Bavaresco (2018), o qual afirma que “[...] Compensados por famílias numerosas que raramente possuía menos que seis filhos, outras vezes, podendo ultrapassar uma dezena [...]” (BAVARESCO, 2018, p.282).

Sobre a renda familiar identificamos que a unidade necessitou buscar fora da propriedade uma complementação, uma vez que neste grupo familiar três membros trabalham na cidade, o marido (trabalha em uma agropecuária) e os filhos (trabalham em uma empresa de biscoitos na cidade), sendo a feirante entrevistada a única que mantém um vínculo direto com a agricultura familiar.

[...] De outro lado, considerando a fragmentação das propriedades rurais, ao recusar o projeto camponês levado em conta pelos pais, nos últimos anos, os jovens migram ou deslocam-se para as sedes urbanas dos municípios para emprego nas agroindústrias... (RENK; DORIGON, 2014, p.21).

Conforme relatado pela entrevistada, a renda familiar na ocasião da pesquisa consistia em aproximadamente R\$6.000,00 (seis mil reais), sendo R\$2.000,00 a R\$2.300,00 advindos da feira. Relatou ainda, que antes de ingressar como feirante abandonou a produção leiteira que era uma atividade integrada a uma empresa. Segundo a entrevistada, a renda obtida desta atividade não era suficiente para manter a família, o que a levou a produzir de forma artesanal massas, bolachas e cucas em sua residência, além de manter o vínculo direto com a agricultura, pois possui uma pequena produção agrícola de subsistência.



II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Como o marido e filhos migraram para o trabalho assalariado, a feirante comenta que com a renda obtida na feira sente-se participante ativa da renda familiar, citando este aspecto como principal ponto positivo de seu trabalho. Ao ser indagada sobre um ponto negativo, comenta sobre o horário de trabalho na feira que inicia às 07 da manhã, o qual considera muito cedo. Para o deslocamento até a feira, conta com carona do marido vai para o trabalho na cidade de São Lourenço D'Oeste. Sua avaliação sobre os benefícios de seus produtos se referem a qualidade, pois são artesanais (produzidos sem conservantes e poucos aditivos químicos) e oriundos da agricultura familiar.

A pluriatividade desenvolvida pela família possibilita que a unidade mantenha o vínculo com a agricultura familiar, agregando valor aos produtos produzidos e complementando a renda familiar juntamente com a renda proveniente do trabalho assalariado desenvolvido por alguns membros da família.

A feirante comenta que os consumidores sempre retornam, sendo assim, os próprios consumidores são os responsáveis pela divulgação da qualidade dos produtos comercializados.

Para Vasques (2016) as interações entre os atores, no espaço das feiras-livres, ocorrem num ambiente de mutualidades entre os agentes dispostos a relacionar-se. Estas relações possibilitam a divulgação da qualidade e a procura pelos produtos da feira.

A feirante esclareceu que não é filiada a nenhuma organização ou associação, porém cogitou uma possível parceria com a casa do agricultor, afirmando que se trata de uma ideia para o futuro. Mencionou ainda que não participou em nenhum programa de incentivo municipal, estadual ou federal em benefício às atividades desenvolvidas.

Sobre a importância da feira, avalia que este espaço possui produtos de muita qualidade e naturais, sendo esse o fator principal em relação aos produtos do mesmo gênero comercializados pelos mercados locais (grandes produções e industrializados). Afirma ainda, que na feira se encontram produtos envoltos em sentimentos, de pequenos sonhos dos comerciantes que vão se tornando realidade. Além da feira, a entrevistada comercializa em sua própria residência e na comunidade onde reside. Segundo a entrevistada, a procura pelos seus produtos vem aumentando, pois quando iniciou a produção contava com poucas variedades.

Em relação ao consumidor entrevistado, se trata de mulher empresária, com formação no Ensino Médio, 47 anos, consumidora da feira há cerca de quatro anos. Adquire produtos a cada quinze dias, sendo ela a principal responsável pelas compras, pois considera uma opção mais saudável à família. Geralmente os produtos consumidos são massas e bolachas.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Antes de comprar na feira, fazia suas compras nos mercados, mas sentiu a necessidade de consumir produtos mais saudáveis, mais naturais e com menos agrotóxicos. A consumidora entrevistada tem preferência por verduras, frutas, queijo, massas e bolachas. A qualidade para a consumidora conta muito, pois são produtos oferecidos à família. Ressalta que são produtos frescos e de preços acessíveis. De acordo com a entrevistada: “Percebo a qualidade nas embalagens, na higiene e no ótimo atendimento”.

Para Vasques (2016) verifica-se que a feira-livre é um ambiente que propicia a troca de experiências onde diferentes formas de produção e trabalho, com características de vivências sociais tradicionais, se misturam.

Por fim, a consumidora afirma que: “Aos poucos vamos conhecendo os feirantes e criando laços, conhecendo um pouco sobre os produtos, o carinho que dispensa a produção e também ajudamos os pequenos produtores, a se manter na agricultura. A gente vem comprar um produto e acaba vendo novidades e levando bem mais para casa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os produtos coloniais ganham mais espaço na mesa da população, surgindo como excelente opção de consumo de uma alimentação saudável, de qualidade e com menos conservantes. As feiras livres, cooperativas e associações constituem alternativas de comercialização as quais possibilitam que produtos diferenciados cheguem até os consumidores.

Os alimentos que são produzidos para o autoconsumo das famílias no meio rural, mais recentemente, são os mesmos que são expostos para comercialização, logo, conservando a mesma paixão, zelo e preocupação com quem consome e os adquire.

Ao visitar a feira e ao adquirir um produto, o consumidor desenvolve um vínculo de confiança e amizade com quem o produz, uma vez que mantém contato direto com o próprio produtor, e assim, a feira livre se torna um local para adquirir produtos, rever amigos e estabelecer troca de informações, diálogo, lembranças.

Muitos são os desafios para a permanência do pequeno agricultor na agricultura familiar, por contar com poucos incentivos e recursos públicos para desenvolver atividades alternativas e desta forma viabilizar uma produção que possa atender a nichos de mercado alternativo, como no caso das feiras.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Neste sentido, observou-se que a pluriatividade na pequena propriedade rural, neste estudo entendida como a atividade de comercialização realizada na feira, surge como forma alternativa para desenvolver outras fontes de renda, além daquelas já desenvolvidas tradicionalmente na agricultura familiar, o que possibilita viabilizar a reprodução social do núcleo familiar, evitar ou diminuir a migração de seus membros para a cidade em busca de trabalho assalariado, e garantir a qualidade de vida no meio rural.

Diante destas constatações, percebeu-se que a comercialização de produtos coloniais em feiras livres, apresenta diversos aspectos positivos, tanto para o consumidor que adquire itens e alimentos de qualidade produzidos com zelo e origem determinada, bem como para o pequeno agricultor que encontra nessa atividade alternativa uma importante fonte de renda extra, a qual permite valorizar as suas origens, costumes e tradição, bem como se constitui em importante estratégia para evitar o êxodo rural ao manter o vínculo desses trabalhadores no meio rural.

Nesta direção, as cadeias curtas da agricultura familiar, tem grande importância no processo agroalimentar regional e global, sendo responsáveis por parte significativa do processo de produção e de abastecimento de alimentar.

A produção da agricultura familiar é utilizada para o autoconsumo e a comercialização dos produtos que constituem uma característica diferenciada por serem orgânicos, agroecológicos, artesanais ou coloniais. A procura por estes alimentos tem aumentado, pois os consumidores estão preocupados com a saúde e com a procedência dos alimentos.

A feira de produtos da agricultura familiar do município de São Lourenço do Oeste apresenta uma história de 35 anos, a qual tem sido reconhecida e viabilizada, já que muitas pessoas possuem o hábito de frequentar a feira aos sábados pela manhã e adquirir os produtos para o consumo da semana.

Concluimos que a feira de produtos da agricultura familiar do município de São Lourenço do Oeste constitui-se como alternativa para o sistema agroalimentar convencional, através do sistema de cadeias curtas que agrega valor e qualidade aos produtos comercializados e ofertados ao consumidor.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

REFERÊNCIAS

BAVARESCO, Paulo Ricardo. A história econômica do Oeste catarinense. In: CARBONERA, Miriam et al. **100 anos: histórias Plurais**. Chapecó: Argos, 2018.

DORIGON; Clovis. **Mercados de produtos coloniais da Região Oeste de Santa Catarina: em construção**, IV ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo 2008 - Rio de Janeiro/RJ.

DORIGON; Clovis, RENK; Arlene. **Juventude rural produtos coloniais e pluriatividade**, Argos, 2013 – Chapecó.

GAZOLLA, Márcio e Schneider (Orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. (Introdução pp.9-24; Capítulo 1 pp. 27-51; réplica, pp.53-58)

MALUF, Paulo. Mercados agroalimentares e a agricultura familiar no Brasil: agregação de valor, cadeias integradas e circuitos regionais. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 299-322, abr. 2004. <https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/2061/2443>

Pozzebon, L., Rambo, A., & Gazolla, M. **As Cadeias Curtas das Feiras Coloniais e Agroecológicas: Autoconsumo e Segurança Alimentar e Nutricional**. *Desenvolvimento Em Questão*, 16(42), 405-441. <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/6057>

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2003, vol.18, n.51 [cited 2019-09-30], pp.99-122. Available from: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15988.pdf>

SOUZA, Marcelino de Turismo rural: fundamentos e reflexões [recurso eletrônico] / Marcelino de Souza e Tissiane Schmidt Dolci ; coordenado pela SEAD/UFRGS. – Dados eletrônicos . – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019. P. 118

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VASQUES, Samuel T. **Dinâmicas socioeconômicas nas práticas dos feirantes de agricultores familiares de Chapecó -SC**. 2016. 93 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional – Área de Concentração: Ambiente e Sustentabilidade. Campus Pato Branco - PR.) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2016. http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1746/1/PB_PPGDR_M_Vasques%2C%20Samuel%20Tafernaberi_2016.pdf



OBSERVADR

